

THORZINHO

Revista Literária

ISSN 3086-3961

Volume I – Núm. 03 – 05 de abril de 2026

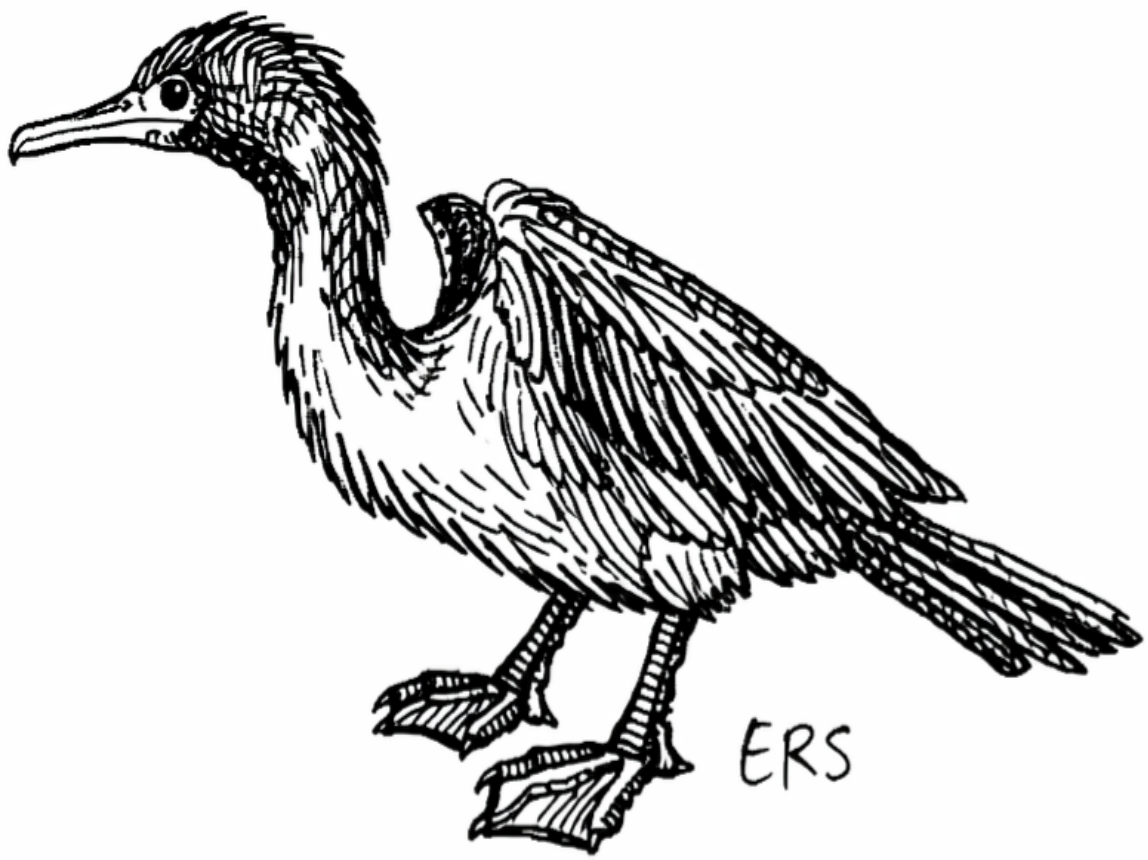


POEMAS

Catarina

Iteuane Casagrande

PÁGINA 45



Palavras aos leitores e às leitoras

Há uma delicadeza que atravessa esta edição como um sopro de luz. É Páscoa. Tempo de renascimento, de vida que insiste, de amor que não se cansa de florescer. E é nesse espírito que abrimos nossas páginas, com o coração agradecido e cheio de ternura.

Aos nossos colaboradores, deixamos um abraço profundo, daqueles que não cabem nas palavras. Vocês permaneceram conosco, acreditando em um sonho que é simples e, ao mesmo tempo, imenso. O sonho de tornar o meio ambiente mais bonito, mais respeitado, mais vivo. O sonho de cuidar dos animais com amor verdadeiro, reconhecendo neles não apenas criaturas, mas companheiros de existência, irmãos silenciosos que partilham conosco o mesmo mundo.

Cada texto, cada gesto, cada entrega de vocês é como uma semente plantada na terra do cuidado. E a terra responde. Responde com beleza, com consciência, com pequenos milagres cotidianos que transformam o olhar de quem lê e de quem sente.

Aos nossos leitores, nossa gratidão também se faz presença. Vocês continuam conosco, caminhando lado a lado, acreditando que amar um bichinho de quatro patas é também um gesto sagrado. É amar a criação, é reconhecer a vida em sua forma mais pura. É, de algum modo, amar a Deus e o seu Filho Jesus Cristo, que hoje celebramos ressuscitado, vivo entre nós naquilo que pulsa, respira e precisa de cuidado.

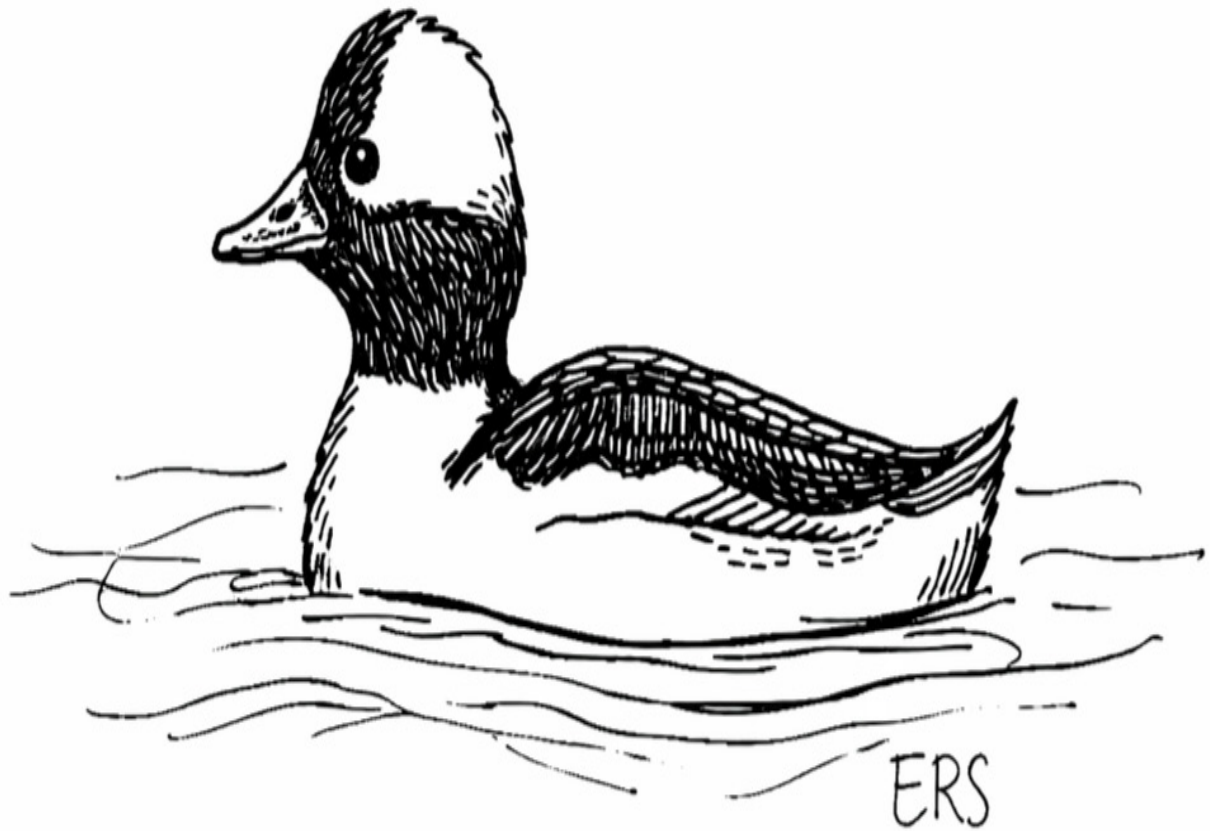
Nesta edição especial de Páscoa, queremos dizer que vocês também ressuscitam conosco. Em cada leitura, em cada partilha, em cada gesto de carinho com um animal, algo renasce. A esperança se refaz. O amor se amplia. O mundo se torna um pouco mais habitável.

Porque tudo é meio ambiente. Está no chão que pisamos, no ar que respiramos, no olhar de um animal que nos reconhece, no silêncio das árvores, no movimento das águas, no corpo que sente e na alma que percebe. Cuidar do mundo é cuidar de si. Cuidar de si é também um modo de salvar o mundo.

Que esta Páscoa nos encontre mais sensíveis, mais atentos, mais humanos. E que possamos continuar, juntos, tecendo essa rede de amor, respeito e responsabilidade por toda forma de vida.

Com carinho e esperança,
Rosângela Trajano

Editora-chefe



Cartas

A minha querida flor

Altos Céus do Jardim da Lua Dourada, 1º de maio de 2025

Minha doce e perfumada Flor...

Li sua carta em pleno voo com o coração transbordando amor. Cada palavra sua me tocou como se fosse néctar derramado do céu. Como pode caber tanto sentimento em pétalas tão delicadas?

Sempre que me aproximo de você, o tempo parece parar. O mundo desaparece por um instante, e só existimos nós dois: você, aberta em doçura e delicadeza, oferecendo não só perfume, mas todo o seu coração, e eu, pequeno desbravador das alturas, encontrando em você o meu pouso mais sereno.

Sim, meu destino é o céu, mas meu lar é onde você floresce. Em cada visita, levo o seu perfume comigo, mas deixo também um pedaço de minha essência guardado entre suas pétalas, como promessa de volta. Porque nenhum voo, por mais distante, consegue me afastar de você por completo. É em você que mora a saudade que me traz de volta, é somente por você que sempre volto, meu amor.

Sei que suas raízes te mantêm firme no solo, enquanto minhas asas seguem os ventos. Mas é justamente entre o seu silêncio e o meu voo que floresce a magia do nosso amor. E mesmo nas nossas diferenças, no instante em que toco você, encontro meu verdadeiro lar.

Espere por mim, minha doce Flor. Em breve estarei de volta ao calor do seu abraço perfumado.

Enquanto você existir, florescendo com amor, eu sempre encontrarei o caminho de volta.

Com todo o amor que cabe em minhas asas,

Seu Beija-flor, que sempre retorna.

Quitéria Abreu



Contos

Cor-de-chuva

Pousou noutro dia naquela árvore um passarinhozinho cor-de-chuva. Era sábado, acredito. Ele se misturava aos galhos tímidos, carregando poesia de uma flor à outra. Retirei da bolsa amarela que ainda hoje carrego comigo uma máquina de fotografar. Sempre a carrego na bolsa amarela a espera do momento ideal de parar o tempo que não para. Antes, porém, de apertar o botão, voou. Voou o passarinhozinho cor-de-chuva. Para algum lugar que não vi, de tão distraído que estava. Sem perceber fotografei apenas os galhos tímidos. Olhei para os galhos em algumas vãs tentativas e ali ele não se camuflava. Até que ouvi um canto baixinho, um canto de passarinho. Era ela, brincando com o vento, brincando de ventar. Guardei a máquina na bolsa amarela. Eu não precisava fotografar o passarinhozinho. Ele estava desenhado no vento. Só precisava olhar para qualquer galho, seja o da foto, tímido, ou qualquer outro e esperar que o vento me traga abraços.

Brunno Vianna

— José! Não acredito! Há quanto tempo! Ainda ontem, a turma falava em você.

— Como diz o velho ditado: quem é vivo sempre aparece. Falavam bem ou mal?

— Comentávamos que você desapareceu. Seu filho também se mudou e não tínhamos nem ideia de onde procurar informações sobre você.

— Ele foi para o estrangeiro. Bastou eu transferir para o nome dele os bens que eu dispunha, ele vendeu tudo e partiu para os “States”. Disse que não voltava mais. Nem sei como tá conseguindo se manter por lá com as lambanças que o presidente alaranjado tem feito com os “cucarachas”... O rapaz nunca mais deu sinal de vida.

— E você, como ficou? Onde mora?

— Eu me conformei. Os filhos são do mundo, não nossos. Tô morando em um pensionato. No outro lado da cidade. Não tenho mais casa própria. A aposentadoria dá pra sobreviver. Sem luxo, mas também, sem muitas privações.

— Pensionato? Que decadência!

— Deixe de preconceito, você nem conhece o lugar. É bem agradável.

— Se você está bem, é o que vale. E esse semblante jovial, parece até que está de amor novo.

— Está tão na cara assim?

— Acertei?

— Na mosca.

— Como isso foi acontecer, depois de tantos anos de viuvez?

— Cavalo velho gosta de capim novo. Conheci a Maria, a cozinheira lá no pensionato. Faz cada coisa gostosa...

— Seu velho sem-vergonha!

— Em breve vamos juntar nossos trapinhos.

— Sério? Vão morar juntos?

— Isso. Ela também é viúva. Está grávida. O pai do bebê morreu em um acidente de moto. A gente tem se dado muito bem, uma relação que foi sendo construída aos poucos.

— Quanta coragem! A essa altura da vida, viver com uma mulher bem mais jovem, e ainda por cima grávida! Sabe que vão falar muito...

— E eu lá ligo para o que dizem! Estou disposto. Maria também. Depois que ela se achegou a mim, minha vida ganhou mais cor. Arrisco dizer que estamos bem felizes.

— Mas e essa criança?

— Será como meu filho. Já sabemos que é um menino. Algo me diz que ele vai ser alguém importante. Já mudou minha vida e sinto que vai mudar a de muita gente, pra melhor. Essa ideia não sai de minha cabeça, não sei o porquê.

— Amigo, conheço uma história mais ou menos assim, bem antiga. Nela, havia um José, bem mais velho que a esposa, Maria. Ela, por sua vez, também esperava um filho, cujo pai não era o marido. Igual

a você, o outro José também o assumiu como um filho. Essa criança, realmente, mudou a vida de muita gente e continua influenciando vidas até hoje. Conhece essa história?

— Você só pode é estar doido em fazer tal comparação. De qualquer forma, inspirou-me a investir ainda mais nessa relação. Agradeço suas palavras. Agora, devo ir, a viagem até o pensionato é longa.

— Até mais ver, José. Leve meu abraço para Maria. Felicidades a vocês.



Imagem gerada no Chat GPT

CHUVISCO

Chuvisco era um gatinho preto como a noite sem lua. Nascera sem a pontinha do rabo, um detalhe que lhe valia olhares de estranhamento ou risadas. Abandonado ainda filhote, aprendeu que o mundo era feito de esquinas: escondia-se do vento, das chuvas, dos humanos que chutavam latas e pés. Sobrevivia na espreita, o corpo encolhido atrás de caçambas, os olhos verdes atentos a qualquer migalha.

Mas, no fundo do seu peito miúdo, o que ele queria mesmo era colo. Uma mão que não o afastasse. Um lugar onde não precisasse ter medo.

Numa tarde fria, uma menina o viu debaixo de um carro. Não reparou no rabo imperfeito. Só disse: — Mãe, ele está tremendo.

A mãe se agachou. Chuvisco quis correr, mas o cansaço foi maior. Sentiu a mão quente, a voz macia. Não o levantaram de repente. Esperaram. Ele deu um passo, depois outro. Deixou-se levar.

No caminho, a menina embalou-o no casaco. Era a primeira vez que alguém o envolvia assim. Ele fechou os olhos.

No novo lar, havia cobertor, comida sempre no pote e uma janela onde ele podia ver a chuva cair lá fora, sem nunca mais precisar se molhar. A pontinha que faltava no rabo não fazia falta. O que ele tinha agora era inteiro.

Luciene Avanzini

Protocolo Fidel

Ramsés Albertoni

A Dra. Mila Voss tinha o hábito de chegar ao laboratório com o café ainda quente na mão esquerda e uma lista mental de tarefas na cabeça. Era uma mulher de métodos, acreditava que o mundo, observado com rigor científico suficiente, sempre oferecia explicação.

Fidel a havia ensinado, até aquele ponto, apenas a confirmar essa crença. Era um cão de porte médio, pelagem escura, olhos âmbar com aquela qualidade particular que alguns animais têm de parecer presentes demais para o ambiente em que estão. Ele havia sido selecionado para o protocolo por causa de suas respostas olfativas fora do padrão, mais rápidas, precisas, ativadas por concentrações que os aparelhos levavam horas para detectar. Os colegas da Dra. Voss chamavam isso de sensibilidade superior. Ela preferia um termo mais honesto, limiar desconhecido. Existe uma diferença entre as duas definições. A primeira diz que sabemos o que ele faz, só não sabemos o quanto. A segunda diz que talvez não saibamos nada.

Na tarde da quinta-feira, ela estava catalogando amostras quando Fidel acordou. Não havia motivo. O gramado estava parado como uma fotografia, o ar, quieto. Ela anotou no diário: comportamento anômalo, 14h37, sem estímulo identificável. Virou a página. Era o tipo de nota que se faz para não esquecer e acaba esquecendo do mesmo jeito.

Às 14h41, Fidel levantou o focinho. Mila não viu, pois estava de costas para o monitor que, de qualquer forma, não exibia nada, já que o sistema havia sido desligado pela manhã para manutenção, de acordo com informe da diretoria enviado às 8h02, sem maiores detalhes. Ela havia lido a mensagem eletrônica, arquivado e não questionado.

Nos dados que recuperaria depois, ela leria os números como se lesse a frase de um romance: pressão caindo 4,2 hPa, frequência cardíaca subindo 23%, condutividade da pele no teto. Em linguagem técnica, isso significava estado de alerta máximo, em linguagem mais simples, significava medo. Ou antecipação. As duas coisas, nos animais, às vezes são a mesma.

Fidel caminhou até o canto nordeste do cercado e parou. Suas narinas trabalhavam, 300 mililitros de ar por segundo, triadas por uma superfície olfativa trinta vezes maior que a humana. O que ele processava naquele momento não era detectável por nenhum dos instrumentos do laboratório. Ozônio. Umidade. Compostos que não tinham nome nos protocolos ali arquivados.

Às 14h44, a sombra cruzou o gramado.

Ela só viu a sombra três dias depois. Estava sozinha no escritório, era tarde, a maioria das luzes do corredor já havia sido apagada. Ela passava o material da câmera 3, única que havia gravado durante a manutenção, numa velocidade normal, sem expectativa, quando algo no canto da tela a fez recuar o frame. Pausou. A sombra se movia de leste para oeste. Ela abriu em outra janela os dados meteorológicos daquele dia. Leu. Releu. As nuvens, naquela tarde, deslocavam-se de oeste para leste. Havia documentação disso: horário, direção, velocidade de deslocamento. Dados limpos, verificáveis, sem margem para interpretação. A sombra ia na direção errada.

Mila ficou olhando para a tela por um tempo que não soube medir. Depois abriu o arquivo da coleira de Fidel para aquele intervalo. Às 14h46, durante onze segundos: zeros. Não era falha de equipamento, ela conhecia falha de equipamento, conhecia como os sensores se comportavam quando perdiam sinal, conhecia o ruído que os dados faziam ao se fragmentar. Isso não era ruído, era ausência. Como se, por onze segundos, o animal simplesmente não tivesse existido em nenhuma dimensão que os aparelhos fossem capazes de perguntar. Ela ficou quieta. Depois montou o relatório, anexou os arquivos e encaminhou ao diretor às 22h03.

A resposta chegou às 22h17: o arquivo não pôde ser aberto.

Ela reenviou.

22h31: não há arquivo em anexo.

O arquivo tinha 47 megabytes. Ela o abria na própria máquina sem dificuldade. Ela o viu, naquele momento, anexado ao e-mail enviado, com nome, data, tamanho. Clicável. Real. Fechou o computador. Foi para casa. Não dormiu.

Na manhã seguinte chegou às seis horas, no escuro ainda, o café esfriando antes mesmo de ser bebido. Fidel estava no centro do gramado, focinho para cima, olhos fixos em alguma coisa no céu noroeste, a setenta graus de elevação, como se não houvesse passado a noite inteira em nenhum outro lugar senão exatamente ali, esperando que ela chegasse para que houvesse uma testemunha. Ela pegou o clinômetro, mediu o ângulo, anotou as coordenadas: azimute 317°, elevação 71°. Verificou aeronaves, satélites, qualquer objeto catalogado naquele ponto e naquele instante. Não havia nada. O que ela escreveu no caderno, ali, com a letra menos cuidadosa do que o habitual, foi apenas: ele está olhando para alguma coisa que não está no mapa.

Às 6h14, o servidor do instituto reiniciou. Setenta e duas horas de dados apagados. No lugar de tudo um único arquivo em branco, nomeado com a data, a hora, e, por razão que os técnicos chamariam de erro do sistema, sem conseguir reproduzir nem explicar, o nome Fidel.

O relatório que a Dra. Mila Voss finalizou naquela semana terminava com uma conclusão que ela sabia ser insuficiente, e que escreveu mesmo assim porque era tudo que os dados autorizavam dizer. Que o animal havia detectado algo, que esse algo havia projetado uma sombra fisicamente impossível, que os registros haviam sido eliminados de maneira que parecia sistemática demais para ser acidental e deliberada demais para ser admitida. E que Fidel continuava lá. Todo dia, a mesma hora, o mesmo ponto do céu.

Ela havia passado anos estudando o olfato canino, por isso, sabia que cães detectam tempestades antes dos barômetros, cânceres antes dos oncologistas, terremotos antes dos sismógrafos. O princípio era sempre o mesmo, eles percebem primeiro porque percebem de outra forma, com instrumentos que a evolução passou milhões de anos afinando para frequências que nós desaprendemos a ouvir. O que ela não sabia, o que ninguém no instituto parecia querer saber, era o que exatamente Fidel estava rastreando agora. Se era algo que se aproximava, ou algo que havia chegado e estava quieto, esperando que os humanos parassem de olhar para os monitores e comesçassem, finalmente, a olhar para o céu.

O documento foi classificado como Preliminar, a revisão por pares, suspensa sem motivo especificado.

Fidel permanece no gramado.

A Dra. Mila Voss continua indo ao laboratório, continua anotando, às vezes, ficando parada ao lado do cercado, seguindo com os olhos o ângulo que ele aponta, azimute 317° , elevação 71° , tentando ver o que Fidel vê. Até agora, não conseguiu, porém, existe uma coisa que mudou nela desde aquela tarde de quinta-feira, desde a sombra na direção errada e os onze segundos de zeros e o arquivo que não chegava e o nome impresso sozinho pelo sistema como se a máquina soubesse de algo que ela ainda não, que ela parou de chegar ao laboratório achando que o mundo, observado com rigor científico suficiente, sempre oferece explicação. Agora ela chega com a hipótese oposta e o café já está frio antes mesmo de sair de casa.

UM GATO VIRA-LATAS

TAUÃ LIMA VERDAN RANGEL

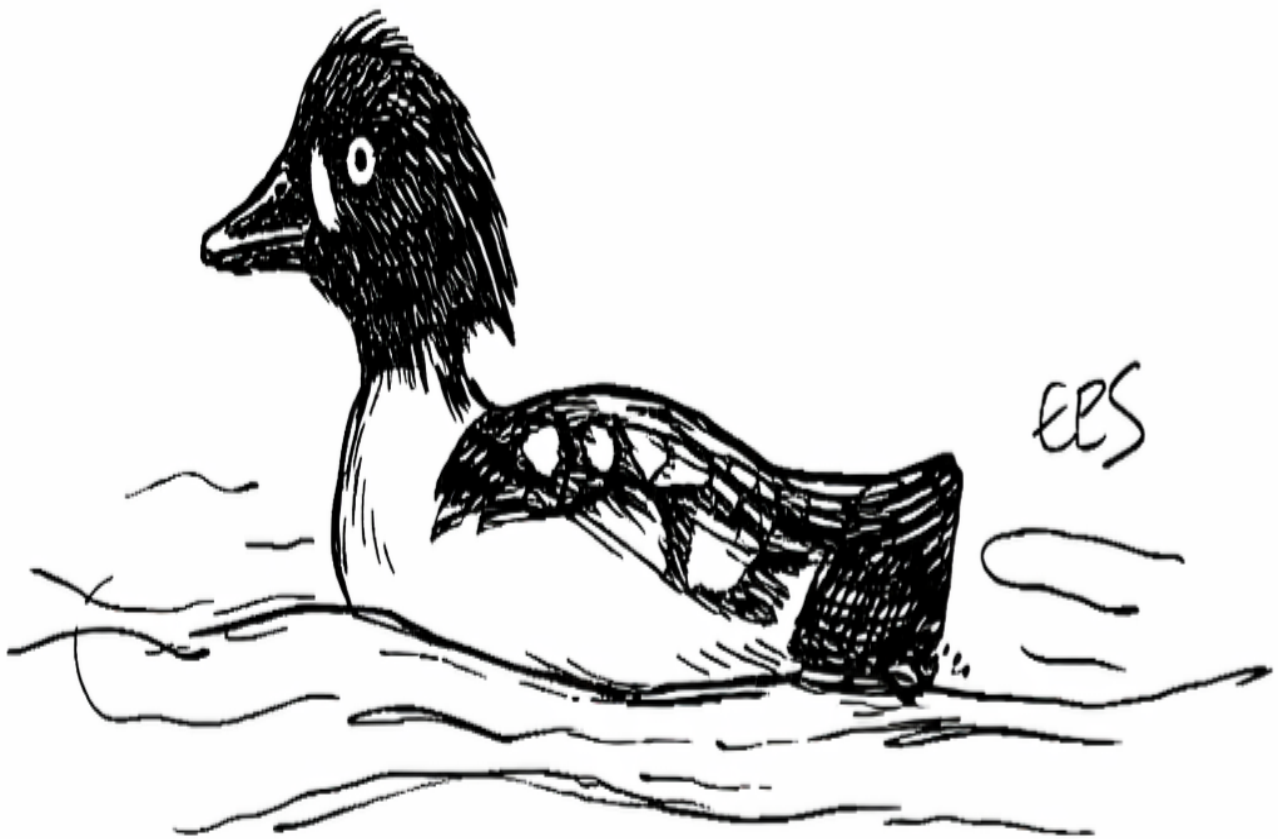
O dia começou extremamente quente. Penso que não teremos a estação da primavera com suas temperaturas amenas, mas sim um verão prolongado com o seu calor abrasador. Poucas nuvens no céu e uma sensação abafada manifesta desde as primeiras horas da manhã. Sento em um dos bancos da varanda e tento aproveitar a escassa oportunidade de ficar sozinho, em um diálogo franco com meus pensamentos. Acredito que é um bom hábito a cultivar: ter a coragem de encarar o turbilhão de pensamentos negligenciados e colocá-los em seus devidos lugares.

É irônico como os pensamentos são capazes de se avolumar em minha mente! Há momentos que eu chego a me questionar sobre a normalidade disso. As pessoas não são capazes de compreender como a mente complexa e é capaz de pregar peças em uma pessoa com ansiedade. Sempre conjecturamos possibilidades infinitas de resultados! Ainda que estejam limitados aos nossos pensamentos, eles tomam uma proporção realística e sólida! Há uma iminência dos acontecimentos e, talvez, em uma tentativa de manter tudo sob controle, planejamos futuros alternativos e possibilidades que se coloquem previsíveis e, minimamente, controláveis.

Com o passar do tempo, aprendi a conviver com a ansiedade! Conheço quando essa companheira constante se aproxima de mim e tenta tomar as rédeas da situação! Isso não significa que eu consiga controlá-la a todo momento, pois ela é teimosa e insistente e costuma me causar alguns pavores sobre questões e aspectos que quicá eu tenho algum controle. Estar em um estado contínuo de alerta molda o olhar a perceber padrões que se repetem e, com isso, temores que são avivados, fantasmas que saem dos baús da memória e medos que ganham contornos.

Poucos minutos se passam e ouço o ronronar tão conhecido que atrai a minha atenção. Meu gato de estimação, com os seus passos discretos, aproxima-se cautelosamente e de um jeito tipicamente desconfiado. Os gatos são engraçados, pois escolhem os seus donos, a partir da conveniência de suas necessidades! Isso sempre me fez gostar muito deles! O gato roça em minha perna de um lado e do outro e, depois de alguns segundos, deita-se próximo a mim. O seu olhar amarelado parece indiferente aos problemas do mundo e, ao mesmo tempo, atento aos detalhes que acontecem ao seu redor. Ele parece descansar, mas está sempre alerta! Acomoda-se em sua posição predileta e é embalado por um cochilo.

Abandono os meus planos iniciais de refletir sobre os meus pensamentos e me pego fitando o animal com toda atenção possível. Sr. Bigodes não possui nada de diferente, em uma primeira visão. Na verdade, como gosto de dizer, com seu tamanho mediano, é o melhor exemplo de um gato tipicamente vira-latas, com o pelo curto e os olhos amarelados. O tempo parece não existir para o meu amigo felino que, com uma paciência inabalável e, ao mesmo tempo, uma facilidade em aproveitar as oportunidades, permanece em profundo silêncio e, entre um cochilo e outro, acorda se espreguiça e retorna à posição inicial. Bem, é apenas um gato vira-latas que torna os dias mais suportáveis com sua presença despreocupada.



Crônicas

CASA DE CAMPO

Beth Iacomini

Imagens diversas na mente... O campo, lugar de fazer poesia... Que casa gostaria de construir? Na árvore, com varandinha, uma bela mansão com área de lazer de clubes? Um duplex, um chalezinho com chaminé? Casa colonial, rústica, moderna e tantos outros estilos? A mente fixa na casinha rural, cercada de aves, ovos, hortaliças, pomares... Aquela casa de telhado de cerâmica, portas e janelas com taramelas, pintadas de amarelo, viradas para o sol nascente, misturando tons. Paredes branquinhas, como o barro do fogão de lenha. Um cercadinho do lado de fora exibe flores só vistas em telas de Renoir. Não faltam um gato pardo nem um cãozinho vira-lata.

A casa de campo tem cheiro de amor, de sorrisos brejeiros, de emoção. Uma cruz de papel crepom é marca de fé da família. O terreiro em volta da casa é tão limpinho que parece escovado. Rede amarrada em duas mangueiras completa o bucólico cenário. Arte e magia! Lugar de descanso e paz. Os versos voam com com os passarinhos! A canção que se ouve da natureza é de uma orquestra cujos instrumentos fazem solfejos inimitáveis. O canto do galo, o carro de boi subindo o morro que vai dar na estiva, as aves, em uníssono encenam uma coreografia divina... Ouvidos se encantam tanto quanto ouvem o Bolero de Ravel. É a vida in natura a celebrar a criação de Deus. Um continuum de felicidade armazenada em cada tijolo, nos vãos de luz acariciados pelas mãos de Deus. É a festa diária da liberdade, da verdade, da oração, da fraternidade, sem grilhões políticos e sociais, sem poluição de nenhuma espécie. É a calda do doce de figo engendrada nos poros, é a simplicidade do saber ser humano respondendo “presente”, é a fumacinha cheirosa de café que nos convida a abrir os olhos depressa para não perder nem um ato desse espetáculo que chamamos de VIDA!

Uma lagarta

Christina Ramalho

Sou fã de Rubem Braga. Mas, entre as muitíssimas crônicas que ele escreveu, há uma em especial que sempre levo para a sala de aula, porque sou apaixonada por ela: “Um pé de milho”, publicada em dezembro de 1945. Ainda que tantas e tantas décadas dele nos separem, o texto é absolutamente vivo e lê-lo nos dá a dimensão real de como as crônicas tocam a atemporalidade que a arte tem.

Sinteticamente, a crônica conta, em primeira pessoa, as reações de um cronista que, de repente, vê seu pequenino jardim invadido por algo que parecia ser um pé de milho e que, gradualmente (apesar da opinião contrária de alguns amigos), revela ser mesmo um. O passo a passo do maravilhamento do cronista que chega a se sentir um rico lavrador da rua Júlio de Castilhos é contraposto a um evento de dimensão mundial: o primeiro contato com a lua por meio de radar.

No final das contas, o pé de milho, que desafia a lógica e conquista uma existência individualizada, chegando a dar flor, é mais importante que esse contato com a lua, porque é o maravilhoso do pequeno cotidiano de cada um/a de nós. A crônica é linda, vale buscá-la.

O que, entretanto, tem a ver “Um pé de milho” com esta minha crônica intitulada “Uma lagarta”? Ora, a velha e conhecida inspiração! Explico.

Há uns 20 dias, quando molhava o limoeiro que plantamos no quintal, vi umas folhas “comidas”. Pensei: “Há uma lagarta danada comendo as folhas do meu limoeiro!”. E comecei a procurá-la, para poder livrar meu avaro limoeiro (que até agora não deu flor nem fruto) da praga que o devorava.

De repente a vi. Mínima, caminhava reboiativa por uma folha ainda juvenzinha... não vou dizer que era bonita, porque seu aspecto não é dos mais estimulantes ao olhar. Mas era fofinha e eu podia ver sua boquinha se abrindo em busca do alimento. Resolvi fazer amizade com ela. E, claro, abandonei os ímpetos lagartícidias.

Passei a visitá-la todos os dias de manhã. E ela ia crescendo. Uma semana depois, resolvi pegar um galhinho e tocá-la. Surpresa! Brotaram duas antenas vermelhas ameaçadoras! Vixe! Fiquei com medo mesmo!

Fui buscar informações no Dr. Google e lá vi: *Heraclides thoas brasiliensis*! Depois

do período de metamorfose, torna-se uma linda borboleta preta e amarela! É uma praga que atrapalha a citricultura, mas não a mim, que sou uma rica citricultora de Aracaju com apenas um limoeiro!

Passei uma semana em Triunfo e Serra Talhada e, ao voltar, no último sábado, corri para vê-la. Não estava mais no local onde eu a havia encontrado. Porém, insisti. Procurei, procurei e procurei (haja vista!) até me dar com a bichona, enooooorme, passeando do outro lado do limoeiro. Gorducha, plena, independente.

Dessa vez não tentei um contato imediato, pois, possivelmente, as ameaçadoras antenas vermelhas estarão bem maiores. Mas fiquei feliz. Ela ainda está lá e, quem sabe, não serei testemunha de sua metamorfose?

Tal como o cronista sentiu-se diante do que ele chamou de “belo gesto da terra” ao ver seu pé de milho pendoar, eu, modestamente, me filiarei a seu sentimento, na expectativa de um “belo gesto da lagarta” que me permita vê-la sacudir as asas e se mandar por aí.

No programa de TV a reportagem mostrava o dano ambiental dito irrecuperável em determinada localidade na qual, no passado, existiam algumas nascentes. Tal situação era apenas mais uma resultante da interferência humana amparada na necessidade da expansão imobiliária. A matéria trouxe depoimentos da época em que o empreendimento fora construído. O prefeito garantia que o local “reunia as condições ideais à imprescindível construção de um condomínio residencial destinado à classe média”. E finalizou: “os impactos serão mínimos se comparados ao bem-estar gerado à população, bem como ao aumento na arrecadação de impostos ao Estado. Além do mais, seguiremos, com rigor, as determinações dos órgãos ambientais”.

Passados quase vinte anos, racionamentos de água acontecem nas cidades próximas. Coincidência?

Lembrei-me desse programa de TV enquanto lia um livro sobre os Tukano e os Tuyuka¹, no voo de volta à minha cidade natal. Trouxe comigo um exemplar, adquirido no Museu da Amazônia, em Manaus, cidade de onde parti há alguns minutos.

Há tempos ansiava conhecê-la. Pisar o solo da majestosa Floresta Amazônica é verdadeiro êxtase! O prazer só não foi maior por haver constatado o quanto o ser humano foi capaz de ser inconsequente. Fomos nós, os ditos civilizados, responsáveis pelo desmatamento de vastas áreas por lá. Comentaram que já foi pior. Hoje, dizem, a velocidade do desmatamento tem diminuído (será?). Não se sabe se pela consciência ambiental, por temor à legislação que prevê penalidades cada vez mais rigorosas, ou ambos. Eu preferiria que fosse pela primeira opção.

O livro é incrível. Em um dos capítulos descrevem-se traços culturais do povo tukano, que vive próximo ao rio Negro, fronteira entre Brasil e Colômbia.

A relação daquele povo com as divindades por eles cultuadas, bem como a forma como creem na origem das coisas é de uma riqueza sem igual. Agradou-me, sobretudo, o fato de eles creditarem a criação do universo a dois seres, sendo um feminino e um masculino: uma Avó e um Avô celestiais. Ambos presentes na gênese de tudo. Ela e ele criadores e falíveis, como qualquer um de nós. As explicações para a origem das espécies e de todas as coisas com as quais os tukanos convivem são bem curiosas.

Determinado trecho do livro foi o motivo de me fazer recordar do programa de TV sobre o desequilíbrio ambiental com o fim de nascentes, da construção de um condomínio residencial e do racionamento de água. O fragmento textual revela que um descendente dos avós criadores do Universo, chamado Yepa Oãku protagonizou o surgimento da “Gente da Transformação” e se responsabilizou por guiá-los em sua trajetória. Yepa Oãku utilizou objetos ritualísticos para tirar certa substância da “árvore que sangra” e, a partir desse “sangue”, deu origem ao “ancestral dos brancos”. Caso eu me encontrasse com Yepa Oãku perguntaria a ele se não lamenta ter criado os brancos, afinal foram eles que devastaram a Floresta Amazônica e dizimaram a grande maioria dos indígenas.

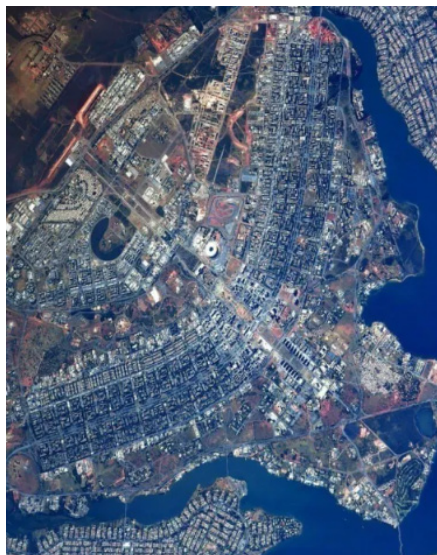
Outro trecho descreve a intrincada relação entre os seres criados pelos avós celestiais. Não havia fronteiras entre as espécies, gente e bicho se misturavam, procriavam e geravam espécies as mais variadas. Tanto assim que os tukanos garantem: “... os peixes continuam sendo gente, são como nós, mas agora estão separados...”.

Há pouquíssimas poltronas vazias na aeronave, voo lotado. A maioria é de brasileiros, mas há também estrangeiros em razoável quantidade. A Amazônia atrai pessoas e interesses – louváveis ou escusos - de várias nacionalidades, de turistas a pesquisadores. Todos despedindo-se Manaus naquele momento. Torço para que a visão da maior floresta tropical do mundo tenha sido capaz de fazer com que entendam melhor as inter-relações entre nós, humanos, e toda a vida na Terra. Bem que poderiam se deixar contagiar pelo jeito como os indígenas lidam com a fauna e a flora amazônicas. Eles convivem, são parte da floresta, apenas mais um de seus componentes, não seus donos; não tentam subjugar-la.

No que diz respeito a nós, as necessárias mudanças de atitude e uma maior conscientização ambiental já não podem aguardar. Os menos esclarecidos dizem que o Planeta não vai suportar. Ledo engano, a Terra aguenta, já passou por situações muito mais drásticas do que as que lhe causamos. Nós é que não sobreviveremos a nosso próprio modo de vida.

Concluí a leitura do livro e iniciei outro. Agora é um de crônicas temperadas pela gastronomia². Livro de crônicas permite que o iniciemos em qualquer página. Abro-o aleatoriamente. A chefe de cozinha, ao discorrer sobre o poder da imagem de um belo prato, da rica descrição de como ele é produzido, comenta, à página 163: “Tudo leva a crer que o cérebro não distingue entre a leitura de uma experiência e a experiência em si, na vida real”. O trecho rendeu-me um *insight*. Construo o esboço do texto que desejo elaborar sobre minha experiência na Floresta Amazônica. Ele deve ser capaz de transportar quem o lê àquele local, de aproximá-lo o quanto possível das mesmas sensações, do encantamento que experimentei.

Olho pela janela. A trilha sonora brota instantânea: “... meu Deus, mas que cidade linda...”³.



Nós, seres humanos, quando queremos, somos capazes de realizações maravilhosas, exemplos não faltam. Espero que saibamos utilizar a inteligência e a sensibilidade que nos diferenciam dos demais que aqui habitam, para merecermos habitar este belíssimo planeta azul.

(1) Peixe e gente no alto rio Tiquié: conhecimentos tukano e tuyuca – Ictiologia, Etnologia. (Aloisio Cabalzar (org.). 2005 — Instituto Socioambiental);

(2) O frango ensopado de minha mãe: crônicas de comida (Nina Horta, 2015 — Companhia das Letras);

(3) Canção “Faroeste caboclo” (Renato Russo, 1987 — Álbum “Que país é este”).

(4) Foto de Brasília: Sergey Ryazanskiy - cosmonauta russo.

- menos feijão e mais confusão -

Enquanto o planeta vive a tal pseudo Semana Santa, assistimos, estupefatos, a um mês bélico, marcado por mísseis, bombas e destruição em massa, levando ao plano espiritual milhões de almas inocentes, enquanto poucos comandam o desencarne coletivo.

Vivemos uma situação em que a verba para o feijão rareia, enquanto a subvenção atômica permeia e é empoderada — até adorada — por seres sedentos de vingança, ódio, desamor e hipocrisia. Falam de Deus e de soberania, mas, na verdade, matam com mentiras, ideologias e uma insaciável sede de dinheiro e poder.

Hitler matou em nome de uma suposta raça pura. Agora assistimos à laranja mecânica contemporânea perseguindo o mesmo objetivo: inventando falsos perigos, criando comunistas fantoches, narcotraficantes de araque e gastando munição para depois comprá-la novamente, recebendo propinas trilionárias e embarcando o planeta na nau insensata da guerra, das fake news e do confronto desnecessário.

Num verdadeiro jogo de xadrez para dominar o planeta, busca-se instalar a ditadura da extrema direita e escravizar a população em um campo de concentração simbólico, onde restará à massa humana trabalhar até o esgotamento físico para enriquecer poucos, ter raros momentos de prazer e referendar a ideologia da raça branca dominante e pura.

É o nazismo novamente, agora com o apoio das grandes plataformas digitais — Facebook, Instagram, Google, Starlink — promovendo uma alienação mundial por meio da religião e da manipulação informacional, tornando a grande massa humana subserviente, alienada, idiotizada e desumanizada.

Esses seres demoníacos destinam cada vez mais verbas para a guerra, cortam ajudas humanitárias, prendem opositores, mentem sistematicamente, desonram os bons, ridicularizam os honestos e maltratam os puros e humanistas.

Estamos entregues a uma horda crescente de lobos em pele de cordeiro, infiltrados nas religiões, nos partidos políticos, nas entidades classistas, nos clubes de serviço, nas ONGs, nos times de futebol, nos colégios e universidades, tornando a vida comum um inferno de desinformação e mentiras, embotando a mente de pessoas de bem a serviço do mal, do horror e de um planeta nocivo, baixo, triste e terrivelmente desumano.

Infelizmente, vivemos tudo isso de maneira intensa.

Viva os acordados.

Viva os de visão lúcida.

Viva os sapiens de fato, os verdadeiros seres humanos.

Se, mais uma vez, não vencermos as trevas, sucumbiremos de vez.

Lutemos. À vitória.

Flávio Rezende

Aos quatro dias do quarto mês do ano de dois mil e vinte e seis — 14h25.

Bar do KU, Natal — RN, Brasil.

Crônica das formigas saltitantes

Karla Oliveira @catoli54

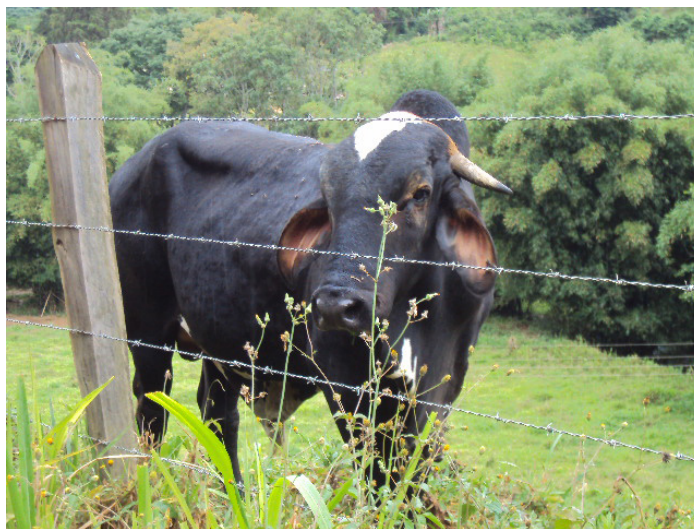
Essa é boa... No Brasil, o Darwinismo não é biológico, é político-partidário! A gente olha pro formigueiro e, em vez de trabalho em equipe, vê logo uma articulação de base. Diz que as formigas agora deram de saltar. Não é mais aquele passinho de operária carregando migalha de pão francês; o negócio agora é o salto ornamental em busca de um lugar ao sol, ou melhor, de um lugar no gabinete. Chega de trabalhar... ralação nem pensar!!!

É o “Besteiral do Formigueiro”. A formiga acorda, olha no espelho (numa gota de orvalho) e decide: “Chega de carregar folha, hoje eu vou carregar é voto”. Ela não quer mais ser apenas um número na colônia; ela quer ser o Cabo Eleitoral oficial do Jardim de Baixo.

O problema é que a evolução parou no meio do caminho. Elas saltam, mas o voo é curto. Querem alcançar cargos de alto escalão, mas a genética só permitiu chegar até a patente de Cabo, Cabo da elite. É a meritocracia da antena: se mexer muito, vira suplente de cupim. Aí você vê aquela cena patética: a formiga em cima de uma tampa de garrafa pet, fazendo comício para três pulgões e uma joaninha indecisa. Promete que, se eleita, o açúcar vai ser distribuído via fundo partidário e que toda folha de laranjeira será devidamente licitada.

No fim das contas, é o puro suco de Brasil: até os insetos entenderam que o esquema não é trabalhar no verão para comer no inverno, mas sim garantir uma nomeação pra passar o ano todo na sombra do cogumelo, só carimbando o ponto e saltando de galho em galho.

Zé Brotinho, uma lenda brasileira



Zé virou música. Virou filme. Virou lenda, esse desconhecido!

Durante toda sua vida, que durou perto de 60 anos mais ou menos, ele contou a sua História; sua vida era sua História. Muitos já escreveram sobre isso, Nilza Pontes, brilhante Historiadora mineira, escreveu sobre e me contou pessoalmente estes fatos que eu já ouvira de outros e até do próprio Zé, claro que, como é praxe, muitos desdenhavam, afinal, num tempo em que o termo autista nem existia ele muito provavelmente era autista (Nota: uma das precursoras deste termo TEA – Uta Frith – hoje já o vê com precaução, afirmando que o termo ficou tão “esticado” que já nem é mais útil como diagnóstico”)

Vivia em Andradas MG, tinha sua casinha, mas era solitário. Pessoas bondosas o auxiliavam, um pratinho de comida aqui, outro ali. Seu orgulho era contar que quando menino quase morrera nos chifres de um touro quando vivia nos arredores da cidade de Ouro Fino MG (que faz divisa com Andradas)

Quando terminava a História levantava a camisa e mostrava a barriga toda marcada por feias cicatrizes!

Com voz emocionada, anunciava “eu sou o menino da porteira”.

Segundo ele afirmava, ao contrário da história contada na letra da música, não morreu (o que podia ser constatado, evidentemente!), sobreviveu graças a rezas, benzimentos, unguentos e por aí vai. Em Andradas conheceu um dos autores da música (que como é sabido de todos que conhecem o gênero interiorano) tinha fortíssimas ligações com a cidade e contou sua História, que foi musicada e transformou-se em um hino da música caipira.

Zé Brotinho, apelido que ele nem sequer sabia explicar a origem, não levou um tostão furado, mas não ligou pra isso não que dinheiro pra ele era o de menos (Lilico não conseguiu ser reconhecido como coautor de “Aquele Abraço”, Tonico & Tinoco só “deram” parceria na música “Chico Mineiro” a Francisco Ribeiro após longa briga na justiça, Catulo da Paixão morreu sem reconhecer que havia – e forte - parceria com João Pernambuco em “Luar do Sertão”), sua História lhe bastava!

O caso é que Zé Brotinho, se não morreu nos chifres de um touro, morreu nos dentes de um pitbull. Quem sabe, era sua sina!

Nota do autor: bull / touro



Sobre o autor: natural de Andradas MG; Psicanalista, Teólogo, Escritor, Empresário. Diversos trabalhos publicados em jornais, revistas, livros, sites, teatro. 05 filhos, um menino e 04 meninas.

Livros publicados: “Sobre a Terra”, “Paris, Minas”, “Segurança do Trabalho - um jeito novo de viver”, “Os bichos”, “Sobre todas as cores”, “Contrastes”, “São Paulo Minha Cidade.com”, “Eldorado”. Contatos: slramos224@gmail.com. Fotos do acervo do autor.

O Xerife das estrelas

Luizinho Trocate

Tive alguns cachorrinhos que, como acontece a todos cachorrinhos, o tempo passou, passou e levou, mas naturalmente não levou em vão; nada nessa vida é em vão, tudo passa, os bons sentimentos – e as más ações - ficam.

Tive o “Peri”, o “Ursinho”, a “Chulica” e o “Xerife” (ah, tive também a “Chiquinha”, mas por muito pouco tempo. Ela foi viver numa chácara em Juiz de Fora quando sentimos que lá, com os irmãozinhos, ela seria mais feliz; cachorrinhos também precisam ser felizes!). Bom, nessa história, o protagonista é o Xerife.

Meio grandalhão, pelo amarelado, meio bobinho vivia por perto de mim. Era, no bom sentido da palavra, um típico vira-lata (ou SRD – sem raça definida), raça essa, indefinida, que gosto muito. Naqueles primórdios esses cães quando caíam nas graças de serem adotados, eram muito bem tratados, por pessoas que os amavam, claro; hoje, infelizmente não são muito apreciados não, e os adotantes preferem comprar cães meio que de laboratório em lojas especializadas. Se não concordo, entendo e aceito!

Passeávamos muito, eu e ele, e um dos locais favoritos era o entorno da represa Meia-lua. Esse local marcou minha infância e uma vez até publiquei esse texto – também com o título meia-lua - em um de meus *livros (“Meia-lua era uma lagoa, um dia pereceu um cara lá – não vi, mas ficamos sabendo. Lagoa cercada por jutas – planta que produz uma flor roxa, até bonitinha – que se arrastavam pelo chão, planta cultivada para a fabricação de cordame e sacaria. Os japoneses tiveram enorme trabalho para erradicá-la e substituí-la por novas plantações comestíveis - alface, abóbora, tomate etc. -, que era o que o mercado queria agora e não mais a juta, que perdeu seu lugar para o sisal e depois para os cabos sintéticos.

Meia-Lua! Nunca entendi esse nome, mas ele nunca me deixou. Acho que o menininho que eu era ficou um pouco por lá, zanzando e pulando na água feito um pato. Os meninos que fomos vão ficando por aí”.)

Voltando ao Xerife, ele não gostava de nadar (todo cachorro, me parece que animais em geral, sabe nadar, algumas raças, como a Golden, adoram, mas Xerife não eram um Golden). Eu nadava e ele observava com cara de desaprovação, vez em quando eu sacaneava o pobre, jogava ele na lagoa, ele saía (da água, o mais rápido possível) nadando, mas não curti, antes – após aquela chacoalhada básica molhando tudo e todos se havia alguém à volta – fechava a cara. Não exprimia raiva, bonzinho que era, mas chateação. Era um cão e tanto o xerife!

Um dia de tristeza, cruzávamos uma linha férrea (andávamos muito pelos arrabaldes e havia um ponto onde o trem passava, à época – faz tempo isso – sem nenhuma proteção e a garotada, e por vezes seus cães, brincava na linha, quando o trem vinha era uma correria só tipo salve-se quem puder) e nesse dia todos salvaram-se, o xerife não! Faltou estrela pro meu amiguinho e, agora penso nisso, juízo pra mim que se pudesse voltar no tempo, mas poxa, faz tanto tempo, eram outros tempos, eu era criança então o que resta é esquecer, mas tampos felizes – ainda que tenha havido percalços – são difíceis de esquecer; são marcas de uma vida! Talvez hoje – e eternamente – Xerife tenha obtido sua merecida estrela de vigilante galático, talvez esteja em Sirius (não por caso abrigada em Cão Maior), a estrela mais brilhante que enfeita os céus do Brasil e, de lá dessas imensuráveis distâncias, olhe pelo Luizinho cá na Terra e dê um recado tipo “Luizinho, olha o Trem! Proteja sempre quem você ama, seu danadinho!”. Toda vez que olho pras estrelas recebo, num au-au imaginário, esse canino recado!

Ave Xerife!

*Livro Paris, Minas – 1ª edição São Paulo – SP Editora Sucesso_ 2020”)

Sobre o autor: natural de Andradas MG; Psicanalista, Teólogo Escritor, Empresário. Diversos trabalhos publicados em jornais, revistas, livros, sites, teatro. 05 filhos, um menino e 04 meninas.

Livros publicados: “Sobre a Terra”, “Paris, Minas”, “Segurança do Trabalho - um jeito novo de viver”, “Os bichos”, “Sobre todas as cores”, “Contrastes”, “São Paulo Minha Cidade.com”, “Eldorado”. Contatos: slramos224@gmail.com

Nota: abaixo, fotos do autor em diversas fases da vida em mais uma tentativa de manter “aceso” o menino que há em mim.

Luizinho aos 06 aninhos. Luizinho aos 26 anos. Luizinho, hoje



Não, esse cãozinho ao lado não é o Xerife e nem um dos outros que citei. Não guardei fotos deles!

Esse é o Zeus, meu cão neto, que adora que leiam um bom texto pra ele; fica quietinho ouvindo e prestando uma baita atenção!

Chico, o gato

Existem muitos fatos que acontecem, mas sem uma explicação plausível. Acredito que o meu pai tenha alguma sensibilidade a esses fatos inexplicáveis. Ao mesmo tempo, ele sempre gostou de animais, pois já tivemos muitos gatos e cachorros. Atualmente, na casa dele tem dois gatos siameses, a Sabrina e o Arashi. Tivemos dezenas de animais de estimação, todos eles entendiam japonês, afinal o meu pai sempre conversou com eles em seu idioma nativo.

A mesa da área de convivência, usada também para refeições e cafés, fica estrategicamente posicionada com vista para uma parte do quintal. O meu pai gosta muito de ficar olhando para o quintal, usufruindo a paz oferecida pelas diferentes árvores plantadas por todos da família. O cedro japonês com mais de cinquenta anos, que ele abraça todos os dias, quando passa por ele, a caramboleira que a minha irmã ganhou de um amigo da época da faculdade, a unha-de-vaca, cuja semente eu trouxe do Clube de Regatas Tietê, onde eu treinava ginástica artística, e que hoje não existe mais, a lichia, que a minha mãe fez a muda há mais de trinta anos, e vários vasos com inúmeras plantas ornamentais.

O meu pai ouviu vozes no quintal da casa dele, e em uma ocasião, antes de seu aniversário, a minha irmã, tinha vindo do Rio de Janeiro, onde mora, e estava tomando café com o meu pai. Ele comentou que viu um homem passando pela garagem. À tarde novamente, ele viu um homem, agora voltando, ele se levantou e foi até a porta de vidro e ficou olhando para fora da casa, achando muito estranho aquele fato, afinal não tinha mais ninguém na casa, além deles.

Após a festa de aniversário do meu pai, chegando em casa, ele começou a ouvir miados de gato desesperado, ele estava trancado no quarto superior. O gato era o Chico, morador de uma residência próxima, que apareceu e inclusive passava vários dias na casa do meu pai.

O Chico era muito querido do meu pai, e acreditamos que a visão do aparecimento de um homem caminhando dentro do quintal fosse um aviso de que o Chico estava preso dentro de casa.

Depois de alguns anos, Chico nunca mais apareceu, acredito que ele morreu, já era velhinho quando passeava pelo quintal da casa do meu pai. Recentemente apareceu outro gato e assim, o quintal da casa do meu pai é frequentado por gatos da vizinhança.

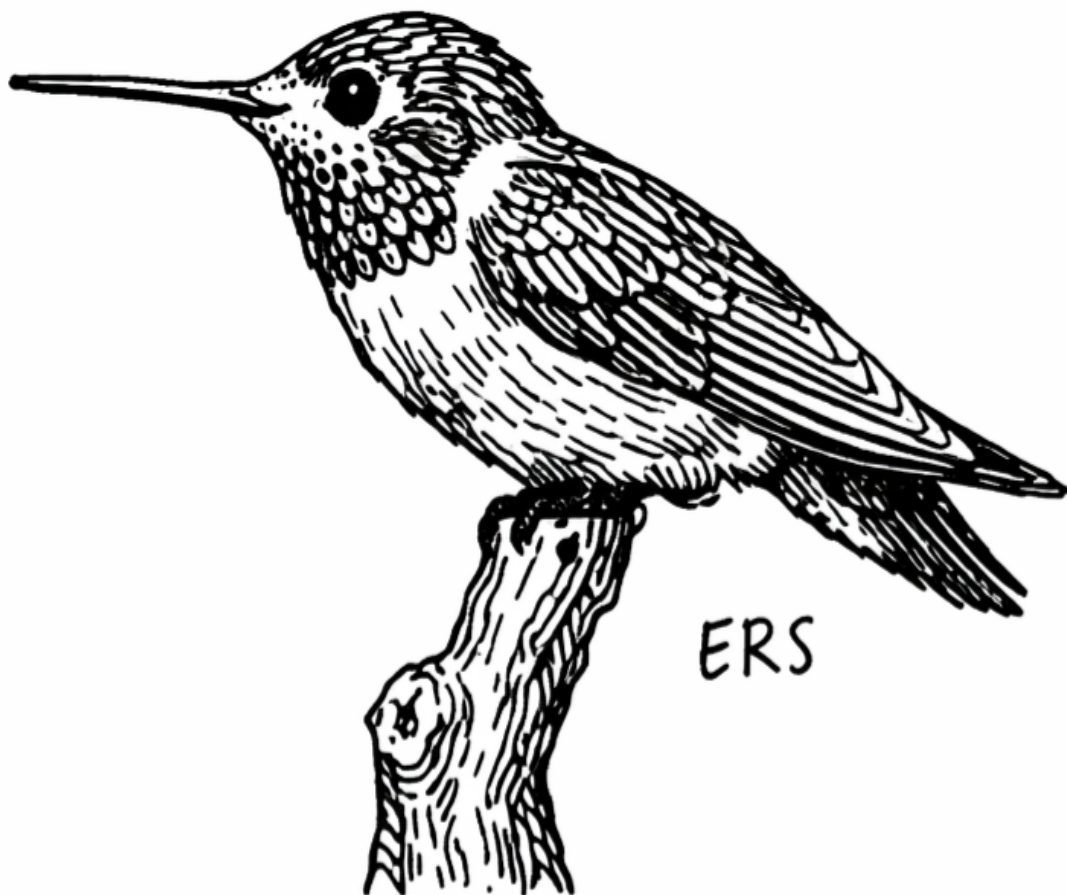


Chico descansando na casa do meu pai.

Massanori Takaki - Gramado, RS

Escritor e roteirista, graduado pela UNICAMP, com mestrado e doutorado pela UNIFESP, doutorado sanduíche na Universidade de Newcastle-upon-Tyne, Inglaterra, e dois pós-doutorados na Universidade de Wageningen, Holanda. Lecionou durante 35 anos na UNESP. Tem Lato sensu em Cinema e Linguagem Audiovisual e MBA em Jornalismo Digital pela UNESA.

Possui publicações de contos e crônicas, e de livros independentes.



Minicontos

DOIS MINICONTOS NA QUARESMA (EPÍLOGO)



Chegou a época do ano que mais gosto: a QUARESMA! Quando os encantados estão à solta pelo mundo, barbarizando geral. Monstros poderosos, seres das trevas, lendas sinistras, santos cobertos de roxo... Como não amar isso tudo?

Abaixo, seguem os dois minicontos finais, que têm a ver com encantados inspirados em bichos, dentro do espírito da zoologia cultural. Leia, mas não esqueça: durante a Quaresma, não ande sozinho à noite...

Baleia enterrada



A tarde já ia longe e a noite começava a querer chegar, quando o vigário daquela cidadezinha do interior do Piauí saiu correndo da igreja, esbravejando contra as crianças que faziam algazarra na praça. “Vocês querem que a baleia acorde?”, gritou ele enquanto tocava os moleques para suas respectivas casas. Não muito longe dali dona Rosa, a benzedeira, colocava ervas específicas em sequência determinada no turíbulo, com o qual, pontualmente às 18:00h, defumava a cidade todo santo dia. Duas pessoas, um só objetivo: zelar pelo sono da baleia que descansa enterrada sob a cidade e, com isso, evitar o desastre que seria caso ela despertasse. Qual dos dois mantém a baleia dormindo? Nunca saberemos.

O lobisomem do Cachambi



Já tem meio século que dona Lurdes trocou o interior de Minas pelo subúrbio caótico do Rio de Janeiro. Tempo suficiente para estar perfeitamente aclimatada à selva de pedra e seus perigos. Mas quem veio da roça não perde as manias - como o fato de ser sempre muito desconfiada de tudo. Na vila em que morava, tinha um vizinho com o qual Lurdes não batia santo. O sujeito era alto, magro, olhos fundos, braços e dedos muito longos e um inconfundível cheiro de morte. Quando ele estava por perto, todos os cachorros das redondezas latiam, alguns até uivavam. Pior que isso, quando Lurdes passava por ele sentia calafrios. No início da noite da Quinta-feira Santa, ou seja, apenas a algumas horas da Sexta-feira Sagrada, Lurdes estava voltando para casa quando cruzou com o sujeito, que disparou: “Você sabe, né velha? Pois fique caladinha, assim você e sua família nada sofrerão. É só mais esta noite, depois sossegarei por um tempo”. No dia seguinte, a idosa não teve coragem de assistir o programa policial sensacionalista da TV.

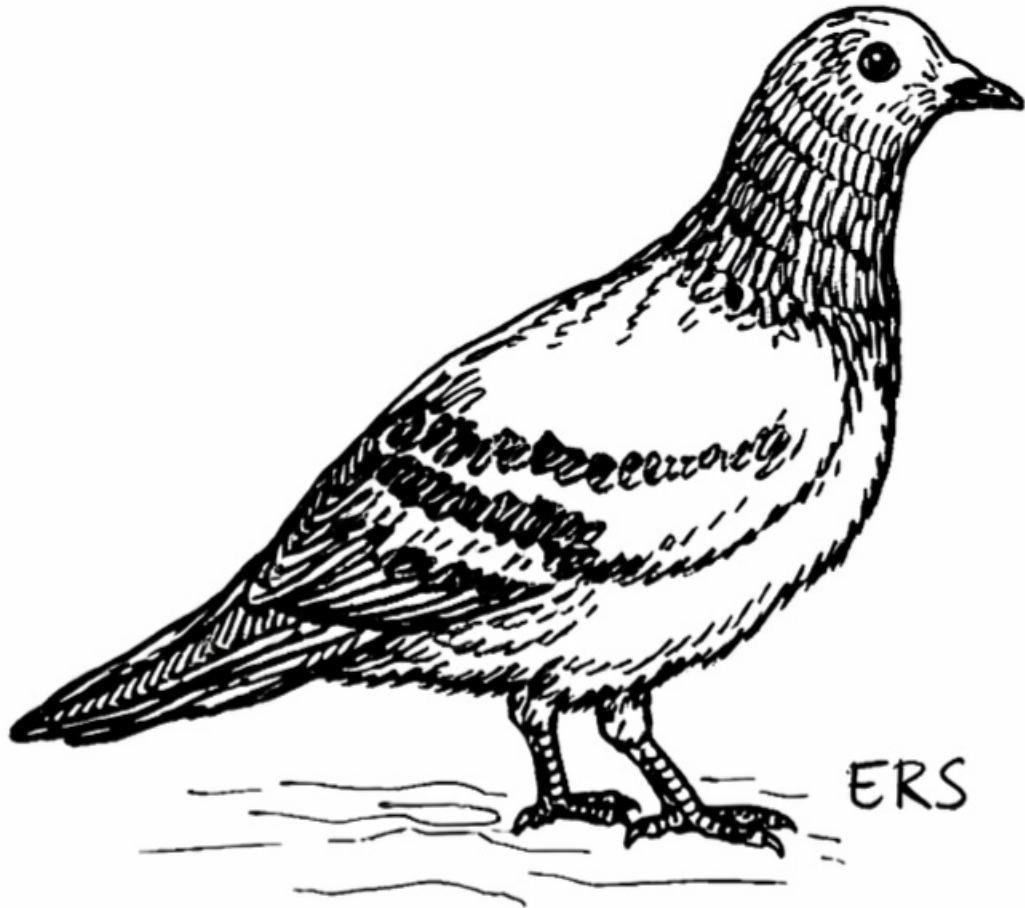
Elidiomar Ribeiro da Silva

elidiomar@gmail.com

@elidiomar.ribeiro

Sobre o autor: Elidiomar Ribeiro da Silva é biólogo formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre e doutor em Ciências Biológicas (modalidade Zoologia) pelo Museu Nacional/UFRJ. Professor e pesquisador do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), é responsável pelo Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural, onde desenvolve projetos de pesquisa e extensão relacionados à zoologia cultural. É criador e organizador do *Colóquio de Zoologia Cultural* e da *Mostra de Biologia Cultural*, editor-adjunto da revista *A Bruxa*, editor do zine *Homem-Leoa*. Além de zoólogo por profissão, é desenhista, contista, cronista, cordelista, haicaísta, poeta, zineiro e flamenguista amador.





Poemas

Um dia no parque

Certo dia eu estava andando no parque,
Enquanto conversava com meu amado.
Vi que um pássaro ficou em destaque,
Calmamente ele veio com cuidado.

Logo pensei em o fotografar,
Mas ele olhava na direção oposta.
O chamei e mal pude respirar,
E devagar, ele me deu uma resposta.

Virou o bico na minha direção,
Quieta e calma, eu o encarava, vidrada.
Ele se manteve quieto no chão.

Tirei a foto e por fim fiquei pensando:
Fui eu que de fato observei o pássaro,
Ou foi ele que ficou me observando?

Amanda Laurentino

Sobre a autora:

Amanda é natural de São Paulo e reside na Zona Leste da cidade. Bacharel em Jornalismo, Técnica em Biblioteconomia e em Museologia, tem uma pesquisa reconhecida intitulada “Racismo e Classe Social no Jornalismo Policial - Como os programas televisivos alteram a abordagem de acordo com o personagem do acontecimento”. Possui habilidades em análise de discurso, análise de conteúdo e conservação e preservação de patrimônio cultural. Desde muito cedo nutre um forte interesse pela pintura e desenho (hashura e aquarela com café), e a escrita, em especial a poesia.

amands.cl@hotmail.com e instagram: @amandaclaurentino



O deleite em vida: terra amiga

Ariane de Medeiros Pereira

Caicó/RN

Havia nela um sopro antigo de sabedoria,
um ventre fértil de silêncio e promessa.

Sagaz, pulsava em vida
tudo que a tocava virava broto,
tudo que a habitava aprendia a florescer.

O sol, amante fiel,
a visitava todos os dias,
derramando calor como quem embala
um coração de barro e sonho.

Então veio o homem,
com mãos de pressa e olhos de ganho.
Ali, disse ele, fincarei morada
e fincou também o peso de sua fome.

Dia após dia, cavava, exigia, colhia,
sem escutar o cansaço escondido
nas veias secas da terra.
Via números onde havia vida,
lucro onde havia milagre.

E a terra; ah, a terra
seguia ofertando seu corpo,
suportando o rigor como quem ama demais,
mesmo quando já doía existir.

Até que o tempo, paciente escultor,
revelou o esgotamento:
o solo já não cantava,
já não havia esplendor nos poros abertos.

O homem partiu.
Como partem os que nunca pertencem.

E ela ficou
ferida, mas ainda viva.

Anos correram como rios invisíveis,
e em seu íntimo, a magia voltou a sussurrar.
Lentamente, em segredo,
refez-se por dentro.

Até que um dia,
como quem respira após longa ausência,
brotaram as primeiras ramificações
delicadas, insistentes, eternas.

E ali, mais uma vez,
a vida recomeçava.

Voz

Sua voz me embriaga
me deixa sem eira nem beira
leve, flutuo no ar
essa voz tem muitos sonhos,
centenas de tons
e poucas histórias.

Sou ouvinte, fico mudo
as vezes, interlocutor
pausa na voz
o sol pisca, a lua acena,
tento falar de amor

Sinto abraços sonoros
essa voz me prende
hipnotiza, chega a torturar
me sinto nu e só, um nó
nas cordas vocais
escuto cada palavra
cada suspiro, torturador
a voz fala, não para
me deixa sem voz
pra falar do meu amor.

Ariê de Moraes
poeta das flores

Nos ombros da janela

Era lagarta

Depois, casulo

Logo, ganhou asas

Amarelas

Pousou

Nos ombros da janela.

Brunno Vianna

O sol radiante

Disse um dia um poeta que
a chuva é o pranto da alma
de um alguém tão solitário
que, por tal, nada o acalma

Vendo a chuva cair ao chão
formar pequena corredeira
pensa o solitário no porquê
da vida ser dessa maneira

E melancólicas lembranças
dum tempo outrora melhor
onde pessoas que amava
estavam sempre ao redor

Algumas partiram pro além
outras bem distantes estão
mas nada na vida é eterno
todos um dia embarcarão

O passado não pode mudar
e o amanhã talvez não virá
quem sabe um sol radiante
seja a futura razão de viver

Daniel Bezerra

Estrelas de Quatro Patas

No olhar dos pets a vida floresce,
um sopro de ternura invade o ar,
há sonhos que a vida enriquece,
um laço invisível que sabe cuidar.

Silêncio se parte em patas ligeiras,
a casa se veste de pura emoção,
há vozes que falam bem inteiras,
um canto que pulsa no coração.

Entre estrelas de gestos suaves,
o mundo se abre em doce brincar,
risos que dançam em cores graves,
o verso que nasce no ato de amar.

No reino dos pets a poesia é chama,
o brilho que nunca se deixa apagar,
há vida canta, o afeto que inflama,
sonho que insiste sempre em ficar.

Daniel Bezerra

4/4/2026

Constanza

Denise Camargo Lancia

No aquário, onde Constanza repousava quieto,
Um guppy preto e sereno, no seu mundo discreto,
Entre plantas e pedras, ele encontrava abrigo,
Um pequeno tesouro, na água, eu tinha um amigo.

Sua mãe, com amor, o contemplava diariamente,
Seu coração transbordava de carinho frequente,
Por mais simples que fosse, seu filho era amado,
Num vínculo eterno, jamais separado.

Sem alarde, ele flutuava com suavidade,
Seu nado, um poema de quietude e paz,
Um pequeno observador, da vida à sua volta,
No silêncio das águas, jaz uma saudade voraz.

Entre as plantas ondulantes da doce memória,
Constanza perdura, uma luz em glória,
No coração da mamãe, um rio de saudade,
Num aquário de amor, jaz uma infelicidade.

Agora, na ausência física, o amor persiste,
Como uma correnteza constante, nunca desiste,

Na memória da mãe, Constanza vive imortal,
Numa dor de amor, onde jamais haverá final.

Nos olhos da mãe, lágrimas caem,
Pelo querido Constanza, que se foi,
Seu amor transcende, além da vida,
Em cada batida, meu coração dói.

Biografia : Denise Camargo Lancia é advogada e Especialista em Língua Portuguesa (Gramática e Uso) e em Direito de Família e Sucessões. Escritora versátil, dedica-se à produção de poesias, romances, contos e crônicas, possuindo obras publicadas e participações em diversas coletâneas literárias.



A FOLHA E. O VENTO

Quem é que está
A me desinquietar?
Soprando aos meus ouvidos,
Pensamentos impossíveis de realizar?

Venho da imensidão,
Dia e noite, noite e dia.
Solto por essa amplidão,
Sou quem todos os desejos adivinham.

Nada podes fazer por mim.
Meus desejos são altíssimos,
Vivendo sempre presa, assim,
Tenho sonhos impossíveis!

Ora! Não seja tão negativa!
Basta apenas ter foco!
Tudo se consegue nessa vida.
Qual seu sonho, logo me diga.

Dentre meus maiores sonhos,
Um me deixa em escarcéu.
Eu sonho um dia ser livre,
E poder voar até o céu.

Então minha força não conheces?
Posso vir calmo como a brisa,
Disso nunca te esqueces
Ou forte como um tufão.

E ao sopro forte do vento,
A folha se foi na imensidão.
Voando solta ao relento,
Realizando o desejo de seu coração.

O vento, seguiu seu destino.
Para outros caminhos encontrar.
A cada sonhos, ouvia sinos,
E corria para os realizar.

Fátima Nascimento Leite

ABRIL

Chegou o mês de abril chuvoso
Trazendo enchentes e estragos
Em vários bairros do Rio de Janeiro
Muitas pessoas sem luz e moradias

A nossa vida é de aceitação
Estamos sempre com esperança
Que a próxima estação do ano
Venha mais suave e tranquila

Ilmar Ribeiro da Silva

ilmarribeiro@yahoo.com.br

Sobre a autora: Ilmar Ribeiro da Silva é carioca, professora aposentada do antigo ensino primário. Lecionou na Escola Municipal Irineu Marinho, onde colaborou, por décadas, para a alfabetização de centenas de crianças.



Catarina

Você estava abandonada,
Magrinha e mal cuidada
Sem lar, sem um caminho
Apelando por carinho
Vítima da maldade
Seu olhar implorava por piedade.

Eu chegava na roça e ia te procurar
Te fazia carinho para você ronronar
Pegava no colo para te apertar
E quando chegava a hora de ir, difícil era te deixar.

Mas gato você não escolhe, você é o escolhido,
Esse dito é bem proferido
Catarina, você é uma gata amável e cheia de gratidão
Que veio alegrar minha casa e meu coração.

Com seu roçar entre as pernas demonstra carinho
Seu miado peculiar é tão engraçadinho
Seus olhinhos tão pequenininhos
É minha bolinha de pelo, meu anjinho.

Sobre a autora:

Iteuane Casagrande, capixaba, vivendo em Berlim. Formada em pedagogia, participante de antologias com poemas e contos, microcontos e crônicas. Apaixonada pelo mundo das palavras, escreve desde a adolescência. Sua inspiração provém das pessoas com quem convive, dos momentos de saudade, das histórias que lê ou vive e de tudo aquilo que toca seu coração.

Na foto, a autora com a sua gata Catarina, a inspiração do poema.

Instagram: [@entrepalavraserimas.iteuane](https://www.instagram.com/entrepalavraserimas.iteuane)

Foto da autora:



Seres Supremos

Karla Oliveira @catoli54

A ti devemos

Muitas vidas

Sufrimento

Tortura

Tormento

A ti honro

Sua vida

Seu amor

Dedicação

Percepção

A ti desejo

Que os ditos seres humanos

Se humanizem, se conscientizem

E parem de te matar

Para servir de ingrediente

Você

Querido animal

É como a gente

Sente

E respeita sem igual

Você é o ideal

De compaixão

Generosidade

Carinho e afeição

A ti peço perdão

Meu irmão

Te amo

Te respeito

Um dia entenderão

Seu valor imensurável

É preciso o povo fazer o link

Do que coloca no prato

Antes de matarem

Era vida

Carinho

cuidado

De que adianta um Cristão dizer

Que segue o que Cristo falou

Para amar todas as criaturas

Se no seu prato tem amargura

Tem carne, sangue

Dor, sofrimento sem oração

Tem peixe, frango

Boi, porco e camarão

Será que só os cachorros

e gatos

Merecem sua afeição?

Todos os animais dão só amor

Eles sentem como nós

Sofrem como nós

Dão e precisam de amor Como nós

Cure sua consciência

O ser humano esquece que

É tudo irmão

Haja oração e empatia

Para o perdão

Uma minibiografia

Karla Oliveira, @catoli54, é escritora por existência. Admira o belo, o simples, o fugaz, o eterno. E se entrega à escrita, à leitura, fazendo dessa entrega algo único e com dedicação. Quando está criando, prefere o silêncio, mas por vezes o caos urbano a inspira.

Graduada em Pedagogia, com formação em Psicanálise e pós graduada em Filosofia, Sociologia, Psicoterapias, Neuropsicopedagogia, dentre outras especializações. Seus escritos dialogam com o cotidiano, com as aspirações de vida, as ansiedades humanas, as perplexidades do mundo. Ela enxerga as pessoas de uma forma atenta, com cuidado aos detalhes. E esse cuidado, essa delicadeza em suas observações, se traduzem na sua escrita: em poesias, contos, pensamentos e textos variados.

PANAPANÁ

Não é ouro o que almejo,
Mas ideias a brotar em sobejo,
Assim como borboletas a voar,
Qual fumaça de cachimbo ao ar...

Quando no papel se rabisca,
Da cachimônia nasce faísca,
Que ilumina o prelúdio da criação,
E se doa ao mundo em exposição.

Floreios da faina em caneta,
Ou na máquina em dedos lanceta,
Tão encantador fruto do ócio,
Adornos líricos em flor do Lácio.

Marcus Hemerly

CARTA ABERTA A MEU AMIGO CÃO

A casa agora é um mausoléu erguido sobre ecos.
O relógio tiquetaqueia a marcha fúnebre do tédio,
E o absurdo da existência se acomoda, imenso e pesado,
Na poltrona onde outrora repousava a tua respiração serena.
A luz amarela da lâmpada rasga a poeira suspensa na sala,
Como um solo áspero de saxofone uivando na madrugada fria.
Estou só, tragado pela gravidade das horas.
Lembro-me de ti, não como uma besta atrelada ao instinto,
Mas como um farol na neblina espessa da minha própria náusea.
Teus olhos de âmbar milenar compreendiam o vazio
Muito melhor do que qualquer filósofo trancafiado em sua vaidade.
Caminhávamos lado a lado pelos becos úmidos desta cidade espectral,
Dois expatriados da sanidade burguesa,
Roendo a medula dos dias com uma urgência dionisíaca e crua.
Sou grato pelas incursões às trincheiras invisíveis.
Pelo calor do teu flanco contra o gelo do meu desespero,
Pelas patas marcando compassos assimétricos na lama do quintal
Após a chuva e pega-pegas na água,
Pela coleira gasta, que agora pende como uma relíquia ao pé da cama,
No saguão das minhas reminiscências mais prezadas
E sofridas.
Tua partida rasgou um abismo no tecido cotidiano,
Mas cerziu um laço inquebrável de saudade,
Um prisioneiro cínico das engrenagens deste mundo em ruínas.
Contudo, quando a penumbra avança engolindo os móveis
Haverá, na vasta e indiferente escuridão que nos aguarda além do pó...
Uma fresta oblíqua, um pátio de sombras, um campo aberto qualquer...
Onde nossos passos desalinhados voltarão, em silêncio, a partilhar a mesma trilha?

Marcus Hemerly



MINIBIOGRAFIA

Marcus Hemerly, é natural de Cachoeiro de Itapemirim/ES, formado em Direito, é servidor público do Poder Judiciário do Estado do Espírito Santo. Dr.h.c em literatura. Autor das obras solo “Verso e Prosa: Excertos de Acertos”, “Versos Anversos”, “Alvéolos da Alma”, e coautor em antologias poéticas e de contos. É colunista de cinema, contribuindo para sites e jornais eletrônicos. Pesquisador independente de cinema, precipuamente sobre os temas “Cinema Marginal Brasileiro” e “Horror Italiano”.

A Páscoa

Páscoa é tempo de reflexão,
Onde o amor maior se faz doação,
Trazendo a luz da salvação
A toda a nossa humanidade.

É o convite para o perdão,
Partilhar a vida, repartir o pão,
Viver a paz com o nosso irmão
Na mais sincera fraternidade.

Pois a verdade enfim liberta,
Mantendo a alma sempre alerta,
Fazendo a vida nova e certa
No acolhimento e na união.

Deixar o velho, ser criatura nova,
Passar com fé por qualquer prova,
Pois Páscoa é vida que se renova
Com Jesus vivo no coração.

Maria de Fátima Canindê Silva da Fonseca

O Renascer em Mim

A mesa está posta, o pão se reparte,
O amor não é regra, o amor é uma arte.
Não é só lembrança de um tempo que foi,
É o peso do ódio que enfim se destrói.

A cruz, que era sombra, virou claridade,
Mostrando que a vida é, enfim, liberdade.
Vencer o egoísmo, deixar o que é antigo,
Encontrar no estranho o rosto de um amigo.

Ressuscitar é mudar o caminho,
Ninguém faz a Páscoa vivendo sozinho.
É gesto, é abraço, é mãos estendidas,
É cura plantada em tantas feridas.

Que o Cristo ressurja além do altar,
No modo de ouvir, no modo de olhar.
Pois Páscoa é o sim que a alma profere:
Um amor que acolhe e jamais fere.

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

QUERIDO DIÁRIO

Miguel Carqueija

Hoje, querido diário,
quero falar só de mim;
como faço neste horário,
só você e eu enfim.

Hoje eu tive mais um dia
de grandes amolações:
com Donald que mais podia
e os sobrinhos trapalhões?

Eu trabalho na empresa
do Patinhas muquirana:
quando chego àquela mesa
já sei, vai ser uma inana.

O meu nome é Margarida,
sou bonita e sou charmosa,
bem alegre e atrevida,
e às vezes furiosa.

Aquele meu namorado
é que acaba me irritando:
pé-chato, pobre, azarado,
e vive sempre aprontando.

O Gastão até que tenta
conseguir me namorar,
mas a ele não se aguenta,
já que não quer trabalhar.

Minha sina é aquele pato
que com toda a sua incúria
é uma pedra em meu sapato,
me causa ataque de fúria.

Eu não mereço esta vida!
Sou uma meiga patinha,

de todas a mais querida,
não sou mesmo uma gracinha?

Rio de Janeiro, 28 de novembro de 2014.

Nota: Margarida (Daisy no original) foi criada por Walt Disney nos desenhos animados em 1940, tornando-se a eterna e rabugenta namorada do confuso e encrencado Pato Donald. Tornou-se também uma figura habitual nas histórias em quadrinhos, onde frequentemente narra suas desventuras no diário.
Imagem do google (revista de hq)

PEREGRINA DE MIM

Abraço encantos,
suspiro entre olhares,
atravesso ventanias...

Horizontes me chamam,
nuvens me velam,
busco-me em notas vazias.

Estrelas revelam meus passos,
dou-me em versos ao vento,
vestem-me auroras silentes.

Nanda Chinaglia

@nandachinaglia.escritasou

DEGREDO

Teus olhos não refletem meus sonhos

Perdidos no rio que desagua

[no labirinto.

Tuas mãos não me desenharam

Vagueiam pelo deserto

[do infinito.

Tua boca não profere as palavras

[desejadas

Blasfema as notas do canto

[de alvorada.

Teu corpo não se estende ao meu

É ilha inóspita

Degredo de amor!

Rita Queiroz

MAMÃE VALÉRIA

Ela cuida dos bichinhos
Da nossa rua
Embaixo da chuva
Sob a luz da lua

Dá banho no cachorro
Põe ração para gatinha
Arrecada doações
Para castrar a peraltinha

Valéria é ser humano
Daqueles que amamos
Pela sua boniteza
De ir além do que sonhamos

Rosângela Trajano

AS FLORES

Enfeitam a Primavera

Algumas são muito frágeis... sensíveis...
Outras são mais resistentes
Porém a delicadeza
Que lhes dá a Natureza
Nelas está sempre presente.

Rosas!... há de várias cores.
Todas muito, muito belas.
Algumas esplendorosas
E algumas mais singelas,
Porém de uma singeleza
Que não tira a beleza delas.

Cravos!... há brancos, amarelos,...
E o cravo de defunto,
Que tem uma cor diferente
Como a mostrar o que sente
Quem perde a pessoa amada,
Um amigo ou um parente.

A hortências!... em grandes cachos!
Como a querer demonstrar
Que a união faz a força,
Murcha, porém... devagar
E variando de cores,
À beleza a variar.

O malvão!... muito exibido!
Entrega-se todo ao amor
Como que se oferecendo
Sem vergonha, sem pudor,
Às necessidades lúbricas
Do pequeno beija-flor.

A tulipa gesneriana,
Delicada,... muito fina,
Esbelta e elegante,
É uma flor matutina
Que a noite a faz viver.
E ao Sol, ela declina.

O girassol, ao contrário
Da tulipa, ama o Sol:
Aonde ele for, o segue,
Sempre aos seus raios entregue
E junto com ele dorme,
Fechando-se ao por-do-sol.

O jasmim!... tem outras cores,
Mas o branco é o mais conhecido.
Seu perfume é delicioso!
E está sempre florido
Enfeitando a Natureza
A quem pertence, agradecido.

O sorriso,... é pequenino.
Lindo! Cheiroso! Um amor!
É a flor mais procurada
Por quem deseja enfeitar
Mesas, banquetes, altar,...
Ou seja lá o que for.

E o boa-noite?... Coitado!
É abandonado à sorte.
Não se vê quase em jardim.
Mas não deixa de ser bela.
Porém, de beleza singela,
Não se compara ao jasmim.

No entanto, há variações
Hoje em dia, desta flor,
Do boa-noite que, agora,
Criou-se mais uma cor,
E mais outra ,e mais outra...
E a singeleza de outrora
Transformou-se em esplendor.

...
E são muitas outras flores
Que aqui não foram listados,
Quem têm excelência nas cores;
Têm odores, e são delicadas
Como o são todas as flores,
Não importa formato ou cores.

E, que aliviam dores
Ou fortificam amores
Quando com amor ofertadas.

Rosa Regis
Natal/RN – 22.03.2000 – 8:30h.

BILLY, O CACHORRINHO

Era um poodle temperamental
tinha suas manias e seriedade,
já estava velhinho tão natural,
andava tão calmo com dificuldade!

Algumas vezes dava convulsões
tomava seus remédios na hora,
sua protetora fazia suas revisões
para ele ficar bem sem demora!

Era tão amado com grande cuidado,
viajava para a praia ou em hotel,
era sempre lá para ser hospedado,
este era o cachorrinho tão fiel!

Roselena de Fátima Nunes Fagundes

Camaçari/Bahia/Brasil



Eu e o mundo

Homo homini lupus

Quero conhecer minha natureza
Viver o estoico, sereno existir
Quero minha inquietude calma
Repelindo todo caos da minh'alma

Quando o mundo explode
Meu eu sofre, busca o recomeço
Quando uma ordem se desfaz
O efeito se alastra feito vento

Vidas que se atravessam
Engrenagem universal
Todo povo merece união
Todo povo em busca de paixão

Hoje vejo a notícia
Que atravessa o coração
Desejo que reflita
Amor na mente da nação

Pra mim o mundo é bom
Eu sou manhã de flor em flor
Besouro, abelha, zangão
Eu sou a chuva e a razão

Na minha mente, amor e sol

Vou filosofar na varanda

Longe dos holofotes e bombas

Vou viver em harmonia

Nesta vida vou ver as verdadeiras cores

Natureza viva, sem filtro, sem invenção

Vou aprender com os erros do passado

Acertar os passos do futuro

Eu sou a inquietude do existir

Aprendendo a cada dia do porvir.

Silvane Silveira Fernandes

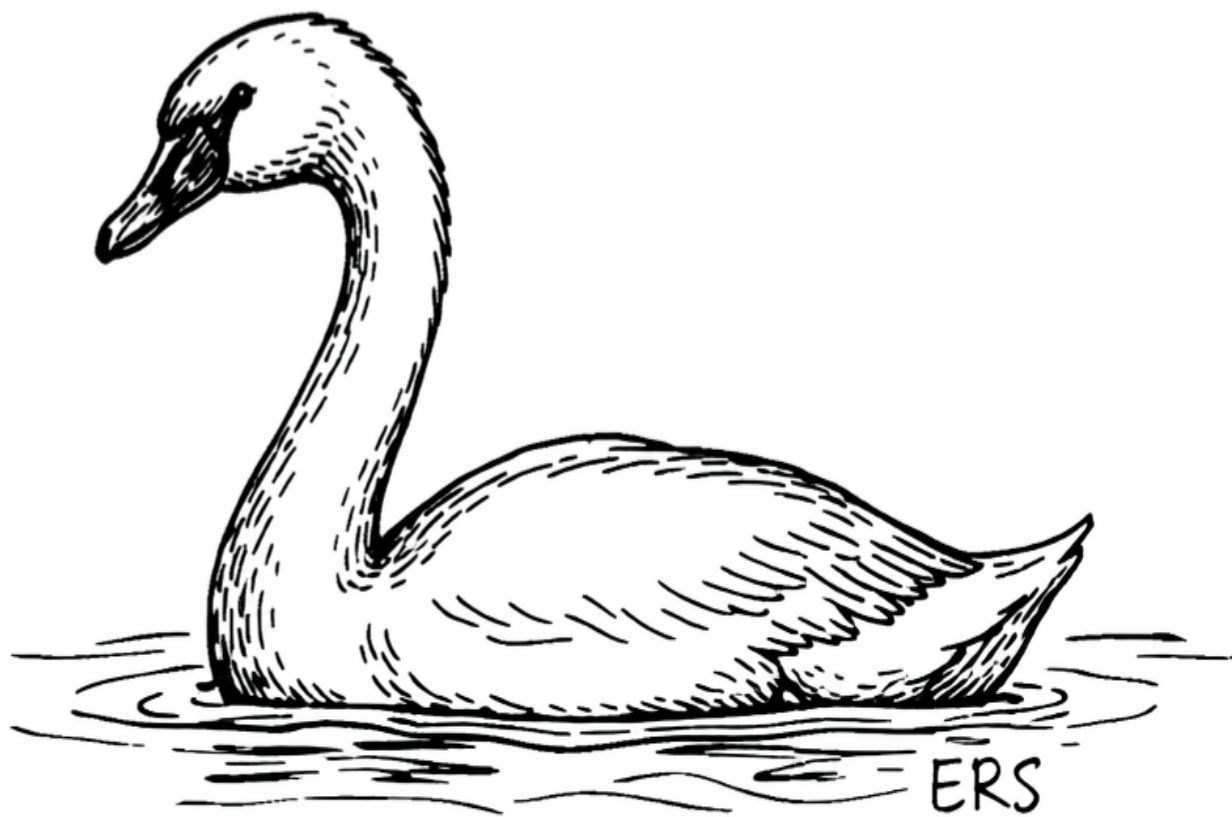
Ponta Grossa/ Paraná

@silvanesilfernandes



Minibiografia

Silvane Silveira Fernandes, paranaense, escritora e advogada, pós-graduada pela Escola da Magistratura do Paraná (EMAP). Casada e mãe. Com sete livros publicados: Um romance em Marselha, 2024, Editora Proverbo; Sauí, o mico-leão-dourado e A casa do João-de-Barro, 2025 – Editora Frutificando; Luminar – Amálgama Essência, 2025 Vinca Literária Editora; Poética Letra – Poemas e Versos, 2025, Kottler Editorial; Aimé, a amizade com o Urso Negro, 2026, Filos Editora; Entre rios, estradas e mares, 2026, Editora Brunsmarck. Escreve contos, poemas e romance, com textos veiculados em revistas literárias nacionais e internacionais. Colunista da Revista Animalista. Faz parte da Confraria Ciranda Poetrix.



BIOGRAFIA DO ILUSTRADOR

Prof. Dr. Elidiomar Ribeiro da Silva

Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural
Departamento de Zoologia
Instituto de Biociências
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Av. Pasteur 458 - Urca
22290-040 - Rio de Janeiro - RJ



Expediente

Expediente

Revista Barbante
Vol. I - Nº 03 - 05 de abril de 2026

ISSN 3086-3961

Periodicidade: Mensal

Editora-chefe

Rosângela Trajano da Silva

Editora-adjunta

Janiara de Lima Medeiros

Revisão

Dos autores

Conselho editorial

Maria Reilta Dantas Cirino

Shirlene Santos Mafra Medeiros

Maria Emília Monteiro Porto

Webmaster/Webdesigner

Danda Trajano

Ilustrações

Prof. Dr. Elidiomar Ribeiro da Silva

Autor corporativo

Rosângela Trajano

Natal – Rio Grande do Norte

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

